

## DA SOLUÇÃO FINAL, DO GERENTE OPERACIONAL E... DO HOMEM CONTEMPORÂNEO

---

*Antonio Godino Cabas*

Psicanalista Membro da Escola da Coisa Freudiana. Doutor em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e Doutor Honoris Causa pela Universidade Federal do Paraná. Autor de, entre outros: “O sujeito na psicanálise de Freud a Lacan: da questão do sujeito ao sujeito em questão” (Zahar), “A função do falo na loucura” (Papyrus), “Curso e discurso da obra de Jacques Lacan” (Moraes).  
E-mail: godino@mps.com.br

**Resumo:** Este artigo busca entender o Holocausto perpetrado pela Alemanha nazista na Segunda Guerra Mundial, não como fruto da barbárie e de um retorno aos estágios primitivos da sociedade humana, mas como a mais pura expressão de uma singular pós-modernidade. O desenvolvimento técnico de uma sociedade fortemente industrializada, altamente dotada de instrumentos técnicos e plenamente capacitada para sua utilização, forneceu os meios que possibilitaram implementar a política genocida. Argumenta-se que se tratou de uma verdadeira engenharia social, direcionada por uma estratégia de manejo de grupos em larga escala e articulada à lógica financeira de uma política voltada ao puro fabrico da morte em escala industrial. E isso foi feito em nome do sonho de um plano sanitarista de limpeza étnica, destinado a isolar o mal e garantir a pureza da raça: a luta de um “médico imaginário” empenhado na salvação da Alemanha. Alerta-se que ainda hoje podemos ouvir os ecos dessa “ambição”, nas reivindicações contemporâneas pela *segregação*, como solução para a violência urbana, a degradação e a miséria, sob o argumento que o custo social é pago com dinheiro público. Nesse contexto, o homem contemporâneo pode ser aproximado de Adolf Eichmann: “gerente operacional” do projeto higienista nazista. Ou seja, qualquer um que abdique de julgar por si próprio, de pensar por si mesmo e de saber-de-si, ao mesmo tempo que se disponha a executar com máxima eficiência e sem questionamentos qualquer ordem recebida.

**Palavras-chave:** Lacan; segregação; higienismo; campo de concentração; técnica; engenharia social; mal.

**Abstract:** This article seeks to grasp the Holocaust perpetrated by Nazi Germany in World War II, not as a result of barbarism and a return to the primitive stages of human society, but as the purest expression

of a unique postmodernity. The technical development of a highly industrialized society, highly endowed with technical instruments and fully qualified for using them, provided the means that made it possible to implement the genocidal policy. It is argued that this was a true social engineering, driven by a large-scale strategy to manage groups that is interconnected to the financial rationale of a policy aimed at the pure manufacturing of death on an industrial scale. And this was done in the name of the dream of a sanitation plan of ethnic cleansing, designed to isolate evil and ensure the purity of the race: the struggle of an ‘imaginary doctor’ committed to Germany’s salvation. It is warned that we can still hear the echoes of this ‘ambition,’ in contemporary claims for segregation, as a solution to urban violence, degradation, and misery, on the grounds that the social cost is paid with public money. In this context, the contemporary man may get closer to Adolf Eichmann: ‘operational manager’ of the Nazi hygienist project. That is, anyone who gives up judging by her/himself, thinking by her/himself, and being-aware-of-her/himself, at the same time she/he is willing to perform with maximum efficiency and without asking about any order received.

**Keywords:** Lacan; segregation; hygienism; concentration camp; technique; social engineering; evil.

Eis um título que exige comentário. Em certo sentido, dá a impressão de tratar de um mero problema técnico e não de uma questão tão séria como é o valor da vida humana.

Por esse motivo, esclareço que *Endlösung* (*A Solução Final*) foi o nome escolhido pela Conferência de Wannsee – que reuniu a mais alta hierarquia nazi em janeiro de 1942 – para designar a decisão de proceder à eliminação sistemática e ao completo extermínio do povo judeu.

Já a expressão *gerente operacional* refere-se ao papel que coube a Adolf Eichmann na execução do projeto. E, embora se saiba que ele não participou dessa conferência por carecer das credenciais necessárias – não detinha um posto tão elevado na hierarquia –, vale lembrar que, uma vez tomada a decisão, ele foi designado gestor e responsável técnico pela execução do plano.

Dessa maneira, a expressão “a solução final e o gerente operacional” representa uma ironia... Almeja dar a impressão de estarmos falando de uma decisão empresarial – uma dessas resoluções corporativas – e sua implementação executiva.

Quais são as razões disso? E... quais são os fundamentos de tal perspectiva?

## I

Durante anos, os pensadores que se debruçaram sobre a política racial do Terceiro Reich, a prática da segregação dos povos ocupados, sua redução à mera condição de *puros rebotalhos* e sua ulterior eliminação a interpretaram como o resultado de um estranho mergulho nas trevas, como o enigmático retorno à barbárie de um povo – o alemão – que ao longo dos séculos XVIII e XIX e no início do século XX havia atingido um grau de civilização (na ciência, na filosofia, na cultura e nas artes) poucas vezes igualado.

Isso até que, em 1989, um autor, Zygmunt Bauman, ousou afirmar o que bem poucos – sendo que um deles foi Lacan – haviam se atrevido a encarar de maneira tão clara<sup>1</sup>. Ao publicar seu *Modernidade e holocausto*, Bauman (1989/1998) observa que, ao contrário do que parece, o holocausto não é o fruto de um mergulho na barbárie, mas a mais pura expressão de uma singular pós-modernidade. Basta considerar os meios técnicos empregados na política genocida para compreender que nada disso poderia ter ocorrido a não ser no seio de uma sociedade fortemente industrializada, altamente dotada de instrumentos técnicos e plenamente capacitada para sua utilização.

Com efeito. Como não destacar o grau de desenvolvimento técnico que está por trás dos meios que serviram à política genocida? Afinal... são recursos que vão desde a capacidade de construir vias férreas para o transporte de massas, a perícia de erguer edifícios com o devido isolamento – para operar como câmaras de gás –, a tecnologia necessária para produzir os materiais químicos para a execução de seres humanos de forma serial e em larga escala – Zyclone B – e a engenharia necessária para proceder à construção de fornos industriais com alta capacidade de combustão para a ulterior redução dos restos mortais a um monte de cinzas.

Em 2001, outra publicação – cujo título é tão eloquente que fala por si só, *IBM e o holocausto: a aliança estratégica entre a Alemanha nazista e a mais poderosa empresa americana* (BLACK, 2001) – veio consolidar o abandono da hipótese regressiva. Munido de farta documentação provatória, demonstrava que a política racial do Terceiro Reich não teria sido possível sem o subsídio da computação. A classificação e o registro dos

---

1 Com efeito, vinte anos antes, em “Proposition du 9 Octobre 1967 sur le psychanalyste de l'École”, Lacan já havia pulsado essa tecla. Ao estudar as formas organizativas dos grupos humanos, destacou o remanejamento que promove a engenharia social e apontou um traço oculto. Que a ideia de um mercado comum era capaz de provocar um conformismo terrorista diante do qual e “para nosso horror” – diz ele – “a experiência nazi pode vir a ter o estatuto de uma reação precursora” (LACAN, 1968, p. 28, tradução nossa).

anteriores geracionais (com base nos dados do censo populacional de 1930) e a própria administração da política racial – gestão e logística – não teriam sido realizáveis sem essa tecnologia de ponta que eram os cartões *Hollerith*. Uma tecnologia cuja patente já era propriedade de uma fabricante de máquinas: a IBM.

A partir daí, não foi mais possível defender a crença de que os modos de segregação e as práticas de eliminação adotados pelo Terceiro Reich eram um retorno aos estágios primitivos da sociedade humana, um abandono da civilização e um mergulho nas formas coletivas da barbárie. Simplesmente porque não é possível desconhecer que estamos diante de *uma verdadeira engenharia social e uma estratégia de manejo dos grupos em larga escala*.

## II

Assim, as análises que visavam a desvendar o enigma do genocídio e que até esse momento haviam se concentrado na dimensão humana e no plano moral viram surgir uma série de novas perspectivas. Perspectivas que, por sua vez, voltavam-se à questão econômica e à lógica financeira de uma política para *o puro fabrico de morte em escala industrial*. E é nesse contexto que uma nova pergunta veio à tona: qual é a lógica dessa estratégia cujo custo financeiro é tão alto que não é possível ignorá-lo? E, sobretudo, quais são seus fundamentos?

O mais curioso é que a decisão de levar a política racial até as últimas consequências foi adotada em janeiro de 1942. Uma data que merece destaque. Não por ter sido o ponto de partida, tendo em vista que o plano genocida já vinha sendo implementado. Desde 1939, as tropas alemãs que entraram na Polônia e nos demais territórios do Leste Europeu eram seguidas por um exército de SS que deixava trás de si um rasto de execuções a fogo de metralha e onde a limpeza racial plantou uma geografia de valas e uma paisagem de fossas coletivas.

Entretanto, foi em 1942 que a máquina nazi voltou-se com absoluta prioridade a isso que os documentos de Wannsee denominaram “A solução final”. Essa data constitui um momento muito particular da história do Terceiro Reich porque... embora a essa altura as forças alemãs tivessem ocupado a maior parte da Europa, o avanço das tropas ficou detido em dois *fronts* bélicos. O ocidental, à beira do Atlântico, frente à Inglaterra, e o oriental, nos confins invernais da União Soviética. Assim, a Solução Final é lançada no exato momento em que a Alemanha nazi tem de dobrar seu

esforço de guerra, precisa concentrar recursos financeiros para a compra de petróleo e ferro, para o abastecimento dos exércitos, para a produção de insumos bélicos e no exato momento em que necessita liberar sua rede férrea para o transporte em larga escala – desde o extremo leste ao extremo oeste – de material e tropas.

Daí que se colocássemos na ponta do lápis os custos com informática, transporte, edificação dos campos erguidos a toque de caixa, construção das câmaras de gás, implantação dos fornos crematórios... e somássemos o ônus que representava o desvio das forças que foram retiradas do *front* e remanejadas para a execução da Solução Final, surgiria uma pergunta que se impõe com a força de um desafio.

O que é que justifica uma decisão como essa em um momento tão crítico?

### III

Ocorre que, em janeiro de 1942, o alto mando alemão começava a considerar a hipótese de perder a guerra ou, pelo menos, vê-la eternizar-se no *front* russo. A força de ocupação encontrava uma inesperada resistência ao oeste, em Leningrado, e o avanço central estava detido ante Moscou sem ter podido atingir o petróleo dos Montes Urais. Entretanto, a partir do momento em que o Estado-maior alemão começa a estudar a possibilidade de um cenário alternativo tem lugar a primeira de uma série de rupturas entre o Führer e o Alto Mando. Como resultado, Hitler assume o controle das operações e passa a lançar impropérios contra a covardia, a indecisão e a incapacidade de seus generais.

Sabemos que foi nesse período que se agudizaram as oscilações de humor, as “ausências” seguidas de intensas explosões de fúria<sup>2</sup> e sua alternância entre a Touca do Lobo, no *front* oriental, e o Ninho da Águia, nas montanhas da Baviera. E é nesse instante crucial em que os primeiros sinais do impasse bélico se deixam entrever, que a política racial atinge seu ápice e a lógica do genocídio se instala, radical, e passa a ter prioridade máxima.

O que dizer disso?

---

2 Ver Rauschning (2012, p. 375-383).

## IV

Recapitulemos...

A política racial foi inicialmente exposta em 1925, nas páginas de um livro: *Mein Kampf* (Minha luta) (HITLER, 1925).

Quase dez anos mais tarde, em 1933, após a toma do poder, o Congresso de Nüremberg promulgou as leis raciais do Terceiro Reich que passariam a vigorar em solo alemão e, mais tarde, nos territórios ocupados. Como consequência, a administração pública realizou um expurgo e eliminou de seus quadros todos os funcionários cujos antecedentes se enquadravam nas diretivas de Nüremberg. Houve demissão em massa. Do mais alto ao mais baixo escalão da máquina administrativa. A medida, que incluía médicos e professores, atingiu, portanto, hospitais, escolas e universidades. Vale lembrar que os cartões *Hollerith* já haviam computado os censos populacionais e mapeado as filiações até a quarta geração. A tal ponto que muitos dos atingidos só ali descobriram algo que até então não sabiam: que eram descendentes – em terceira geração – de um casamento misto. Além disso, as empresas privadas, por sua vez, foram incitadas a mostrar idêntico patriotismo e seguir o exemplo da arianização dos quadros.

Ainda em 1933, a *Sturmabteilung* (SA) – tropa de choque do partido nazi – recebeu sinal verde para promover uma campanha de agitação. Conhecida como a *noite dos cristais*, tinha o objetivo de atingir o conjunto da sociedade: liberais, autônomos e comerciantes. Foi uma jornada de violência intimidatória que teve como saldo um rasto de mortes por espancamento, a pichação das lojas, a quebra das vitrines do grande e pequeno comércio e a queima de sinagogas<sup>3</sup>...

Contudo, e salvo algumas exceções, a política oficial ainda parecia pender em favor do princípio da expulsão dos judeus. E se em 1934 começaram a ser erguidos os primeiros campos de concentração, como é o caso de Dachau – ainda em território alemão –, eles funcionaram como campos de detenção e trabalho forçado dos opositores ao regime e daqueles que foram enquadrados pela Justiça nazi como “antissociais” ou “não aptos”.

A lógica do extermínio – propriamente dito – começa em 1939, com a guerra e a subsequente ocupação dos territórios do Leste Europeu. Após a limpeza étnica feita

---

3 É a última intervenção das SA na Alemanha nazi. Em 1934, as lideranças são presas, o líder E. Rohm executado e o poder de mando transferido para as SS, tidas como mais leais ao Führer.

pelos esquadrões de extermínio, uma política concentracionária em larga escala passou a ser implantada nos territórios ocupados: *guetos* (nos centros urbanos) e *campos* (nos confins do espaço rural). Eram espaços onde o valor da vida humana ficou reduzido à mínima expressão e onde a fome e o trabalho forçado iam minando as forças até dizimar uma população já reduzida à condição de farrapos humanos.

Contudo, é em janeiro de 1942 que a política oficial se radicaliza e toma a forma de um plano de eliminação feito em escala industrial com uma frieza e um planejamento nunca antes visto. Os *Campos de Concentração* são transformados em *Campos de Extermínio*. Câmaras de gás e fornos crematórios passam a fazer parte de um cenário onde impera, absoluta, a presença da morte. Um cenário onde se desenrola, com uma exasperante e burocrática regularidade, a eliminação física de todos os judeus. Um cenário, enfim, friamente planejado e rigidamente executado com a finalidade de realizar um sonho que vem de longe. O sonho de uma limpeza étnica destinada a garantir a pureza da raça.

## V

Após tudo que acaba de ser dito, uma conclusão se impõe... que após se defrontar com o impasse configurado no *front* russo, Hitler convoca em Wannsee a hierarquia do partido, tira da gaveta aquele que julga ser o mais transcendente de seus projetos, exige sua sanção imediata e concentra todas as forças e os recursos disponíveis para sua execução<sup>4</sup>.

A perspectiva da guerra alastrar-se por muito tempo (ou até a possibilidade de perdê-la) impulsa-o a resgatar o mais caro dos objetivos: sua política social. Aliás, um projeto que, para ele, representava uma obra de saneamento que havia de perdurar para além da guerra. Algo que ele aspirava a deixar como seu legado para a posteridade<sup>5</sup>. Afinal, o programa para o Terceiro Reich não era, em sua essência, um plano sanitário? A luta febril de um médico imaginário empenhado na salvação da Alemanha?

4 Os planos para uma “Solução Final” começaram a ser esboçados em julho de 1941, mas o embate entre os hierarquias do partido e as objeções de alguns mandos militares emperraram, protelaram e, finalmente, indeferiram sua efetiva implementação.

5 Ver Goebbels (1943-1945/2005, p. 559 e s. – Décret du 25 Juillet nommant Goebbels “*plénipotentiaire à la guerre totale*”).

E, aí, como não lembrar das confidências que ele fez a Hermann Rauschning, em outubro de 1933, uma vez instalado na Chancelaria, com palavras cuja eloquência desborda a retórica?

*A democracia é um veneno que destrói toda e qualquer entidade nacional... e na Alemanha, cujo povo é jovem e moralmente intacto, o veneno age de forma mais virulenta. Podemos compará-lo à sífilis.*

Com efeito, mais que um projeto político, era o plano messiânico de um visionário empenhado em combater as toxinas que se infiltram no corpo social e, a seguir, envenenam e paralisam o espírito de uma nação.

Arrematava ele:

*Por isso, o povo alemão teve que ser subtraído à pestilência democrática que ameaçava levá-lo à perdição<sup>6</sup>.*

Em suma:

- A grande obra social do Terceiro Reich tinha o propósito de eliminar as *impurezas* que ameaçavam corromper o espírito do povo alemão, minar sua autoproclamada superioridade e destruir sua propalada tradição ariana.
- A grande obra social do Terceiro Reich tinha uma finalidade muito precisa. De isolar o *mal*, extirpá-lo e reduzi-lo a cinzas. E assim foi feito. Sem medir custos. A fundo perdido.

O insólito é que ainda hoje podemos ouvir os ecos dessa “ambição” quando ouvimos o clamor indignado de nossos contemporâneos em favor da segregação – sob o argumento que o custo social é pago com dinheiro público – e, no limite da crispção, o pedido da implantação da pena de morte para eliminar a violência urbana, a degradação e a miséria... Essa miséria cujos limites se perdem em um horizonte de “cracolândias” a céu aberto, cujos contornos retratam uma decomposição social e cuja sombra revela a presença de uma crise<sup>7</sup>.

---

6 Ver Rauschning (2012, p. 166).

7 E, aqui, como não lembrar que apenas meio século após o fim da Segunda Guerra foram dados a ouvir – não sem horror – os ecos dessa “ambição higienista”, quando o estrondo da metralha varreu palmo a palmo as ruas de Sarajevo, em uma faxina étnica que só queria... eliminar a impureza?



E, aí... nesse contexto... quem é Adolf Eichmann?

Qualquer um... “qualquer um” se levarmos em conta – diz Hannah Arendt (1963) – o sentido e o alcance da *banalidade* disso que Kant identificou como *o mal radical*<sup>8</sup>.

*Qualquer um* capaz de agir sem a menor capacidade de pensar<sup>9</sup>.

*Qualquer um* que, sem o menor indício de ser capaz de julgar por si próprio, de pensar por si mesmo e de saber-de-si<sup>10</sup>, for ao mesmo tempo capaz de assumir a tarefa de cumprir qualquer tipo de ordens, de agir sem poupar esforços, executar diretivas com a mais completa eficiência e, ainda (tal qual o próprio Eichmann), de ser capaz de lamentar não ter recebido o reconhecimento pelo seu esforço e seus méritos com o título de *homem providencial*... isto é, de nobre *salvador do trono dos valores* e bravo *defensor do altar da pátria*.

## Referências

- ARENDRT, Hannah. *Eichmann in Jerusalem: a report on the banality of evil*. New York: Viking Press, 1963.
- BAUMAN, Zygmunt (1989). *Modernidade e holocausto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- BLACK, Edwin. *IBM e o holocausto: a aliança estratégica entre a Alemanha nazista e a mais poderosa empresa americana*. Rio de Janeiro: Campus, 2001.
- GOEBBELS, Joseph (1943-1945). *Journal 1943/1945*. Paris: Tallandier, 2005.
- HITLER, Adolf. *Mein Kampf*. Berlin/München: Eher Verlag, 1925.
- KANT, Immanuel. *Kritik der praktischen Vernunft*. Riga: Johann Friedrich Hartknoch, 1788.
- LACAN, Jacques. Proposition du 9 Octobre 1967 sur le psychanalyste de l'École. *Scilicet*, Paris, v. 1, p. 14-30, 1968.
- \_\_\_\_\_. (1982). Note italienne. In: \_\_\_\_\_. *Autres écrits*. Paris: Seuil, 2001.
- RAUSCHNING, Hermann. *Hitler m'a dit*. Paris: Fayard/Pluriel, 2012.

*Recebido em 28/8/2015; Aprovado em 10/9/2015.*

8 Em *Crítica da razão prática* (KANT, 1788).

9 Ver Arendt (1963).

10 Ver Lacan (1982/2001, p. 307).